

TE 414

Os Rosenberg não devem morrer

14

BR.TBES.C.428

15

A GAZETA — VITÓRIA (ES), SEGUNDA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1983

age

Uma leitura de peça, hoje, na Scav

A peça **Os Rosenberg Não Devem Morrer**, do francês Alain Decaux, terá uma leitura dramática hoje, às 20 horas, no Teatro da Scav (avenida Beira Mar, ao lado do Colégio Salesiano), organizada pelo Núcleo de Artes Cênicas da Scav, sob a coordenação de Luiz Tadeu Teixeira.

Atores de diversos grupos participarão da leitura: Rômulo Mussiolo Filho e Beto Costa, do Ponto de Partida, Tião Carneiro e Antônio Rosa, do Núcleo da Scav; Beth Caser, Paulo de Paula e Branca Santos Neves, do Grupo da Barra; Altair Caetano, Vianninha; José Augusto Loureiro, do Grupo Terra. A promoção é aberta ao público em geral, especialmente aos integrantes de grupos teatrais. Após a leitura haverá um debate.

A HISTÓRIA

Ao cair da tarde de 19 de junho de 1953, um engenheiro de óculos e bigode fino, Julius Rosenberg, e sua mulher Ethel, considerados culpados de espionagem atômica ao fim de um dos mais rumorosos processos do século, eram executados na cadeira elétrica da prisão de Sing Sing, em Nova York. Na época, vozes tão variadas como a do papa Pio XII e de diversos líderes comunistas levantaram-se contra a execução. Ao redor do mundo, realizaram-se furiosas manifestações de protesto. Há alguns anos, ao fim de uma campanha iniciada pelos filhos do casal,



Ethel e Julius Rosenberg: vítimas da injustiça

Michael e Robert, o Governo dos Estados Unidos teve que indenizar a família ao ficar provado que havia ocorrido um erro judiciário.

Julius e Ethel Rosenberg foram acusados de roubar segredos atômicos dos Estados Unidos e entregá-los aos russos. "O que vocês fizeram é pior do que assassinio", disse na ocasião o juiz encarregado do processo, Irving Kaufman. O FBI, por sua vez, rotulou o caso de "crime do século". De resto, ânimos exaltados eram próprios da época do julgamento, março de 1953, um dos pontos culminantes da guerra fria. Dois anos antes explodira a primeira bomba H soviética. E, no ano anterior, começara a guerra da Coreia. Até o fim os Rosenberg protestaram sua inocência. E apelaram sete vezes à Corte Suprema e duas ao presidente Dwight

Eisenhower — sempre inutilmente. A mesma insistência em proclamar inocência foi herdada pelos filhos — autores de um livro lançado em maio de 1975, nos Estados Unidos, *We Are Your Sons* (Nós Somos Seus Filhos), em que revelavam as últimas cartas escritas por seus pais e vigorosamente defendiam a injustiça do processo.

Os dois filhos usam o nome de Meeropol, o mesmo da família que os adotou depois da morte de seus verdadeiros pais. Por muitos anos, ninguém, fora do estreito círculo familiar, soube de suas reais identidades. Até que, em 1973, eles iniciaram seu trabalho em favor da memória dos pais, movendo um processo contra o advogado e escritor Louis Nizer, autor de um livro, *The Implosion Conspiracy*, que, segundo os Meeropol, enxovalhou seus pais.